



AO CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO ATRAVÉS DAS PALAVRAS DOS MITOS AFRO-INDÍGENAS BRASILEIROS NA ARTETERAPIA

Luciane Dal Médico Barros Barreto

Resumo. A Arteterapia tem como caminho orientar e conduzir o paciente ou grupo a descobrir e elaborar o conhecimento sobre si mesmo a partir do uso de várias linguagens artísticas: pintura, mandalas, colagens, teatro, a literatura em seus contos e mitos. Sabemos que a literatura é a arte da palavra que transfere para o papel, por meio da língua, a cultura e a experiência humana por meio das palavras é uma força potente que nos guia ao caminho do autoconhecimento. Os mitos são parte da literatura, são caminhos utilizados para a compreensão do universo humano, e são muito usados em Arteterapia, porém os mais utilizados referem-se ao mitos gregos-romanos. O propósito do artigo é fazer um levantamento bibliográfico e apresentar a literatura dos mitos afro-indígenas disponíveis em livrarias físicas e online, como uma ferramenta de descoberta em busca da individuação e o autoconhecimento, dentro do ambiente da cultura brasileira e criando paralelos existentes sobre a correspondência entre mitos Gregos-romanos e divindades da cultura Afro-Brasileira.

Palavras-chave: Arteterapia. Mitos afro-indígenas. Literatura

Introdução

“Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos”
(CAMPBELL, 2014)

As questões a serem discutidas estão relacionadas ao mito e a relação com os processos da Arteterapia. O caminho conceitual será trilhado com a ajuda principalmente de Joseph Campbell e Mircea Eliade ao afirmarem que os mitos “são histórias que têm como função principal guiar o espírito humano”.

Objetivo desta pesquisa é facilitar o acesso a pesquisa dos mitos afro-indígenas brasileiros e sugerir a inserção no trabalho arteterapêutico através do uso das literaturas. Portanto os conceitos abordados são: Arteterapia, psicologia analítica, mitos e arquétipos.

O referencial teórico utilizado para conceituar Arteterapia foram retirados da obra “A Atuação Do Arteterapeuta” de Tatiana Kowarski, onde ela cita mais duas escritoras e arteterapeutas Ângela Philippini e Maria Cristina Urrutigaray. Nos conceitos sobre

Psicologia Junguiana, mitos e arquétipos foram tirados das obras de Joseph Campbell, Mircea Eliade, Carl Jung e Stanley Keleman.

Tatiana Kowarski, psicóloga e pesquisadora, refere-se a Arteterapia como uma prática cuja particularidade mais característica é a utilização de materiais e recursos expressivos como estratégia clínica ou psicopedagógica. Ainda diz, que por meio de recursos gráficos, desenhos, pinturas, modelagens, colagem e tantas outras modalidades expressivas. Promove, a Arteterapia visa promover o contato do sujeito com seu universo simbólico e imaginário, propiciando a emergência do potencial criativo curador, inerente ao fazer artístico. (KOWARSKI, 2010)

É importante salientar que as experiências com a criação e produção de obras das mais diversas, faz o sujeito encontrar a oportunidade de confrontar e elaborar aspectos inconscientes e, segundo Urrutigaray (2011) promovendo também, a possibilidade de reconstruir e integrar a sua personalidade.

A prática clínica em Arteterapia, implica o comprometimento com algum referencial teórico do campo da Psicologia como fundamentação da proposta terapêutica. Neste contexto é relevante abordar sobre a Psicologia Analítica de Jung, nesta perspectiva tem como propósito terapêutico, a transformação, que ocorre através da gradual integração entre consciência e o inconsciente, tornando se expresso pelo conceito de individuação, ou seja, um *“processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é”*. (Jung, 1987)

No contexto sobre a utilização do fazer artístico como ponte para a caminhada em direção à individuação, Kowarski destaca a citação de Carl Jung de que a individuação significa *“torna-se um ser único, na medida em que por ‘tornar-se si-mesmo’ ou o realizar-se do si-mesmo”* e que através do conhecimento dos conteúdos simbólicos, da interpretação e decodificação expressa na criação artística do paciente, revela-se os conteúdos conscientes e inconscientes e desta união emergem novas situações ou estados de consciência. Entende-se que a meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção à totalidade.

Deste conhecimento simbólico, nasce um derivado do arquétipo. O arquétipo não pode ser determinado quanto ao conteúdo, como uma espécie de “ideias” do inconsciente e sim, quanto a sua forma, sendo uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação, ou seja, as imagens arquetípicas configuram-se como possibilidades de simbolização das situações e condições fundamentais da existência.

Para Stanley Keleman (2001), a função da mitologia é perceber como a história reflete na corporificação do indivíduo, ou seja seus vários “Eus internos”, a cada história é possível descobrir como foi invocado as diferentes forma emocionais, trazendo possivelmente a compreensão consciente da história. Contar histórias através de um fazer artístico é uma forma de integração, um script da corporificação, podendo ser chamada imaginação somática, portanto ao contar histórias procuramos formas somáticas. Essa é a maneira de experienciar as nossas origens. O processo somático é um reservatório de formas herdadas, de imagens corporais e de comportamentos do passado. O mito parece falar aos estados somáticos internos.

Os mitos nascem a partir do momento em que os seres humanos começam a questionar sobre a condição humana e o significado do viver. É uma teia, um tempo imemorial, uma fala em que se inicia a história dos grupos humanos e o lugar de onde nascem os conceitos para a compreensão do inconsciente coletivo.

De acordo com Vilson Caetano (2019), estudioso da cultura afro-brasileira afirma, que os ancestrais são princípios universais contidos no inconsciente coletivo, ou a

própria Natureza, aquilo que tem vida. A relação dos seres com a Natureza, as águas, as florestas, o vento, o fogo; as relações de poder, de afeto, os sentimentos humanos, e a forma de como nos relacionamos com o mundo são componentes/ símbolos que estão presentes no mito.

Alguns grupos indígenas se apresentam diferentemente de outros grupos em suas contadas, de modo que a cultura que está sendo apresentada seja identificada e respeitada a partir dos seus elementos simbólicos. Segundo Daniel Munduruku o mito é uma realidade, que começou num tempo, está “perdido na memória da humanidade e que une os povos entre si”.

Contudo, o artigo vem contribuir para o trabalho terapêutico e facilitar o acesso a pesquisa dos mitos afro-indígenas brasileiros.

Metodologia

O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica que consiste em fazer um levantamento da literatura impressa sobre mitologia afro-indígena, e o meio utilizado como recurso foi a busca realizada por sites de pesquisas, através de catálogos de Editoras indicadas nos livros e livrarias virtuais como Amazon, Livraria Cultura e Estante Virtual. O critério escolhido foi encontrar obras comprometidas com histórias mais antigas relacionadas a mitologia brasileira e que permitiam contribuir para um trabalho em oficinas arteterapêuticas. Durante a busca foi percebido dificuldade em encontrar literaturas afrodescendentes, citando apenas imagens mitológicas sem o envolvimento de personagens lendários. E também, foi necessário um estudo mais aprofundado, contando com um curso sobre Mitologia Afro brasileira, na ótica da Psicologia Analítica. Nesta listagem, encontra-se a sinopse dos livros para ajudar os profissionais nas escolhas específicas dos mitos a serem trabalhados no ambiente terapêutico. Foram pesquisados alguns livros de 1998 a 2020. Entre eles, destaco o trabalho de Maria Inez do Espírito Santo, que contribuiu com suas obras nesta pesquisa, trazendo literaturas de cunho terapêutico com o uso de mitos indígenas brasileiros. De suas obras, cito Vasos Sagrados que abre aos leitores um infinito de possibilidades de reflexões ao apresentar a riqueza da mitologia indígena brasileira. Outro destaque que contribuiu com a pesquisa, foi o escritor Daniel Munduruku em suas várias obras.

Listagem bibliográfica

Literaturas com referências e aspectos indígenas:

- AGOSTINHO, Pedro. Mitos e outras narrativas Kamayurá. Salvador. EDUFBA. 2009. 2ª ed.

O livro é uma das mais relevantes coletânea de mitos ameríndios das terras baixas da América do Sul, sendo exemplar pela cobertura ampla, densa e profunda que faz da mitologia Kamayurá. O mito constitui o modelo universal de explanação do mundo, estando na base de sua intensa vida cerimonial caracterizada pela beleza, pelo encanto e pela eficácia das artes e do corpo.

- ALMEIDA, Berenice de; PUCCI, Magda. Cantos da Floresta -Iniciação ao universo musical indígena. São Paulo. Editora Peirópolis, 2017.

O livro-CD Cantos da Floresta é uma porta de entrada para o universo pouco explorado da expressão artística indígena, em especial, a arte oral, que inclui a música. Busca despertar o olhar do educador, especialista ou não, para a diversidade das expressões artísticas entre os povos brasileiros, e entre esses povos e a cultura ocidental dominante.

- ALMEIDA, Berenice de; PUCCI, Magda; RESEK, Joana. A floresta canta! São Paulo.

Editora Peirópolis. 2014.

As autoras fazem uma expedição sonora por vários cantos do Brasil, e registram, em seu diário, as músicas, os instrumentos, os rituais e o significado da música para oito povos indígenas brasileiros. Elas viajam para o Rio Negro, Xingu e Guaporé; para o litoral paulista e para o Sul do País para visitar os povos Yudjá, Xavante, Paiter Suruí, Ikolen-Gavião, Kambeba, Mbyá-Guarani e Kaingang. Enquanto o leitor percorre os diários das expedicionárias, ele pode ouvir os sons dos instrumentos e os cantos dos povos, por meio da ativação de QR Codes impressos nas páginas do livro.

- CASCUDO, Luis da Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. 3ª. Ed. São Paulo. Ed. Global.

Suas histórias relacionam Mitos com as lendas folclóricas como o Lobisomem, Saci-Pererê, Mula sem Cabeça e muitos outros seres fantásticos, que povoam a imaginação do brasileiro.

- ESPÍRITO SANTO, Maria Inez. Ceiuci, a velha gulosa. Escrita Fina, 2013 Um curumim vai pescar e encontra Ceiuci, a velha gulosa. Para escapar do apetite insaciável, o pequeno índio começa a correr, e nesse percurso encontra muitos animais que o ajudam ou o atrapalham. Essa odisséia indígena mostra o amadurecimento do jovem, tendo um desfecho surpreendente.

- ESPÍRITO SANTO, Maria Inez. Com gosto de terra natal: um novo olhar sobre os mitos indígenas brasileiros. Editora Ao livro técnico, 2012.

Mais do que oferecer ‘um novo olhar sobre mitos indígenas brasileiros’, esta obra procura alertar sobre a importância de resgatar as raízes para as pessoas colherem melhores frutos na educação e formação de cidadãos.

- ESPÍRITO SANTO, Maria Inez. Era uma vez na Floresta. 1ª ed. Escrita Fina-1, 2014.

Algumas lendas indígenas mostram a transformação e interpretação do mundo, ou surgimento de elementos fundamentais que compõem a sua natureza, surgindo assim diversas tradições que transformaram-se em lendas. Três delas serão contadas nesse novo trabalho da autora Maria Inez do Espírito Santo.

- ESPÍRITO SANTO, Maria Inez. Vasos sagrados: Mitos indígenas brasileiros e o encontro com o feminino. 1ª ed. Rocco Digital, 2014.

A escritora abre aos leitores um infinito de possibilidades de reflexões ao apresentar a riqueza da mitologia indígena brasileira em paralelo com outras mitologias; teorias psicoterapêuticas e com processo histórico universal. As histórias estão divididas em quatro grandes capítulos compostos de diversas narrativas curtas. Cada parte do livro começa com um mito indígena, para logo em seguida ser esmiuçado em forma de comentários, análises e – ela mesma inicia o processo de reflexões.

- GALHARDO, Caco. Homem-Pássaro. São Paulo. Editora Peirópolis, 2019 Este gibi nascido de roteiro de cinema conta a jornada de um herói. Conseguirá ele, com a ajuda do leal Sabiá, prender Rabo Quente numa arapuca e desvendar a deusa-ave? Narrativa longa em quadrinhos do mestre das tiras diárias. Editora Peirópolis. 2019

- GOLDMAN, Judy. tradução GRAÚNA, Graça. O Sapo e o Deus da Chuva: Um Conto do Povo Yaqui. Ed. FTD. São Paulo, 2013.

Graça Graúna, filha do povo Potiguara (RN), faz o seguinte destaque na apresentação do seu livro: “Minha intuição diz que a flor sugere ao mesmo tempo a leveza e a força que vem da Mãe-Terra; leveza e força que o “hajin” (fazedor de haikai) também necessita para o haikai acontecer.

- GOLDMAN, July e GRAÚNA, Graça. O coelho e a raposa. Ed. FTD. São Paulo, 2014.

Uma raposa vivia em um lugar árido, com pedras, cactos e escorpiões. Por sorte,

farejou um coelho. Não era grande nem gordo, mas, pelo menos, era maior do que um rato. A raposa aproximou-se e atacou. Será que o mais forte sempre vence?

- GRAÚNA, Graça. Criaturas de Ñanderu. Ed. Manole. São Paulo, 2010

Conto indígena escrito por Graça Graúna no qual uma garota com nome de pássaro, ao tornar-se adulta, ganha asas e sai de sua tribo para conhecer a cidade grande. Graça Graúna é indígena, descendente Potiguara (RN), educadora universitária na área de Literatura e Direitos Humanos

- GRAÚNA, Graça. Flor da mata. Edições Mazza. Belo Horizonte, 2014. Graça Graúna, filha do povo Potiguara (RN), faz o seguinte destaque na apresentação do seu livro: “Minha intuição diz que a flor sugere ao mesmo tempo a leveza e a força que vem da Mãe-Terra; leveza e força que o “hajin” (fazedor de haicai) também necessita para o haicai acontecer.

- JECUPÉ, Kaká Werá. As fabulosas fábulas de Iauaretê . São Paulo. Ed. Peirópolis, 2007.

As fabulosas fábulas de Iauaretê conta os melhores momentos de uma das mais divertidas lendas do ideário Guarani: as aventuras da onça Iauaretê, que virou gente, e de seus filhos, Juruá e Iauaretê-mirim. Acompanhadas por desenhos de Sawara, filha de 11 anos do autor, as fábulas aqui selecionadas falam de medo, coragem, dúvida, amor, morte, paz, oportunidade, erros e acertos que vivenciamos, divertindo e emocionando adultos e crianças.

- JECUPÉ, Olívio. Iarandu, o cão falante. São Paulo. Ed. Peirópolis, 2002.

Quando o curumim Popyguá descobre que seu cachorro Iarandu pode falar, o mundo se transforma. Juntos, eles se envolvem em aventuras de magia e mistérios, em que realidade e fantasia se misturam. E assim nos ensinam a observar tudo ao nosso redor, o céu e a terra, as pessoas e os animais, para descobrirmos segredos inimagináveis! (PRÊMIOS E DESTAQUES: Indicado na Bibliografia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, Vol. 13 – 2002).

- KITHÁULU, Renê. Irakisú: o menino criador. São Paulo. Editora Peirópolis, 2014.

Neste terceiro volume da Coleção Memórias Ancestrais, Renê, representante genuíno do povo Waikutesu dos Nambikwara, nos conta o mito de criação de sua gente, além das histórias narradas às crianças da tribo pelos mais velhos, no finzinho da tarde em volta da fogueira. São histórias lindas, atuais e que proporcionarão à criança o contato com a cultura indígena ainda hoje preservada em muitos cantos do país.

- YAGUARÊ, Yamã. Sehaypóri. O livro sagrado do povo saterê-mawé. São Paulo. Ed. Peirópolis, 2007.

O livro sagrado do povo Saterê-Mawé é uma homenagem aos pajés de sua nação, que buscam no espírito natural a resposta para as dúvidas da alma. Como seus antepassados, Yaguarê narra as memórias de sua gente para preservar a tradição de uma geração para outra. As lendas e fábulas de animais aqui reunidas ensinam a origem das coisas, apresentando ao leitor a cultura e o imaginário deste grupo.

- YAMÃ, Yaguarê. Puratig: o remo sagrado. São Paulo. Ed. Peirópolis. 2014.

O mito do guaraná, é aqui contado pela voz de um índio do povo Saterê Mawé, ao qual se juntam mais sete belíssimas histórias que compõem a tradição ancestral.

- YAMÃ, Yaguarê; BORGES, Taisa. A origem do beija-flor - Guanãby muru-gãwa. São Paulo. Ed. Peirópolis. 2012.

Os mitos de origem do mundo e dos seres que nele vivem são uma grande riqueza dos povos indígenas. Neste livro, Yaguarê Yamã registra uma dessas histórias: o mito da origem do beija-flor.

- YAMÃ, Yaguarê; GEIGER, Luana. Contos da floresta. São Paulo. Peirópolis. 2012

Neste livro o escritor Yaguarê Yamã recria mitos e lendas do povo indígena Maraguá, conhecido na região do Baixo-Amazonas como “o povo das histórias de assombração”. As três primeiras histórias são mitos sobre animais fantásticos que protegem as florestas e as três seguintes são lendas que enredam a rotina da tribo em acontecimentos mágicos, todas elas narradas em pequenos textos cheios de ritmo e suspense. As histórias estão imersas na natureza, com personagens em intensa relação com a floresta, sempre considerada em seu inesgotável mistério.

Literaturas com referências e aspectos afro-descendentes:

- BALBINO, Erika; KETO, Alexandre. Num tronco do Iroko vi a lúna cantar. São Paulo. Editora Peirópolis. 2014

Os irmãos Cosme, Damião e o pequeno e levado Doum descobrem a capoeira nos encontros com Pererê, a índia Potyra e outros seres lendários da cultura cabocla, negra e indígena. Com os gêmeos Ira e Iraê e a inseparável cobrinha, vão ao encontro do grande guerreiro Guarini, ou Ogum Rompe Mata, capaz de ajudá-los a combater Arokô e aqueles que fizeram a Mãe Terra tremer.

- BARBOSA, Rogério Andrade. Kakopi, Kakopi: Brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos. São Paulo. Ed. Melhoramentos. 2019

Korir e Chentai, dois irmãos que vivem e estudam no Quênia, estão sempre em busca de novas brincadeiras pelo continente africano. Dessa vez, pesquisaram e recolheram para um trabalho escolar vinte jogos de diversos países! Cada um mais interessante e divertido do que o outro. Venha brincar também!

- BENISTE, José. Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento. Bertrand Brasil, 2006

Mitos Yorubás é a mais recente obra do autor consagrado pela qualidade de suas pesquisas e trabalhos sobre a Cultura Religiosa Afro-Brasileira (como As Águas de Oxalá, Jogo de Búzios e Órun-Àiyé: O Encontro de Dois Mundos). Em narrativas fluentes, José Beniste apresenta lendas que esclarecem o complexo universo mítico do Candomblé.

- BARBOSA, Rogério Andrade. Sundjata, o Príncipe Leão. São Paulo. Ed. Melhoramentos. 2014.

A vida de Sundjata é cantada em verso e prosa, até os dias de hoje, pelos fabulosos contadores de histórias da África ocidental: os griots. Para escrever a saga do famoso soberano mandinga, o autor se baseou nos numerosos relatos e poemas épicos sobre o lendário governante, procurando manter, sempre que possível, a grandiloquência dos termos usados pelos griots para enaltecer os feitos de seus personagens. É a voz do velho Kedian, portanto, que leva aos leitores a fantástica história de Sundjata, o Príncipe Leão.

- BORGES, Taisa; OLIVEIRA, Kiusam de. O mar que banha a Ilha de Goré. São Paulo. Editora Peirópolis. 2014

Neste livro, o leitor fará o caminho inverso das viagens empreendidas pelos africanos escravizados a partir do século XVI. Pelas mãos de Kika, ele conhecerá uma terra rica e cheia de histórias, e poderá encontrar o caminho para compreender a história afro-brasileira e ajudar a delicadamente incluir o negro e sua trajetória traumática no imaginário da formação da cultura brasileira.

- EMICIDA. “Amoras”. Cia das Letrinhas, 2018.

Na música "Amoras", Emicida canta: "Que a doçura das frutinhas sabor acalanto/ Fez a criança sozinha alcançar a conclusão/ Papai que bom, porque eu sou pretinha

também". E é a partir desse rap que um dos artistas brasileiros mais influentes da atualidade cria seu primeiro livro infantil e mostra, através de seu texto e das ilustrações de Aldo Fabrini, a importância de nos reconhecermos no mundo e nos orgulharmos de quem somos -- desde criança e para sempre.

- JEFFREY, Gary. Mitos Africanos. 1ª ed. Scipione, 2011

<https://www.coletivoleitor.com.br/nossos-livros/mitos-africanos>

Neste livro, o leitor tem a chance de conferir um pouco da tradição oral africana que remonta a tempos imemoriais. As lendas reunidas explicam como o mundo foi criado e contam fábulas de personagens e de animais que falam. Ficção infantojuvenil.

- LEAL, Jonas França. Àiyé: contos dos deuses na terra dos mortais. Editora Jonas França Leal (30 abril 2016). Ebook

Desde que Oxalá separou o mundo dos homens e o dos deuses com seu cajado de prata a convivência entre as duas raças tem sido nascente farta a verter o mais puro néctar da poesia. Àiyé - o mundo material, na língua ioruba - é um convite sincero para mergulhar profundamente no abismo em que se escondem as semelhanças entre mortais e orixás. Nesta obra reúnem-se breves contos inspirados em histórias contadas e vividas no candomblé.

<https://www.topleituras.com/livros/aiye-contos-deuses-terra-mortais-6a5f>

- LIMA, Heloisa Pires. Histórias da preta. Cia das Letrinhas

Reunindo informação histórica, reflexão intelectual, estímulos ao exercício da cidadania e historinhas propriamente ditas (tiradas da mitologia africana, por exemplo), a autora fala sobre a população negra no Brasil, com a experiência de quem já foi alvo de racismo.

- MACHADO, Ana Maria: "Menina bonita do laço de fita" Ed.Ática, 2011.

O livro Menina bonita do laço de fita é uma das obras mais premiadas e traduzidas de Ana Maria Machado. A história fala de uma menina negra de fitas no cabelo que, devido a sua beleza, despertou a admiração de um coelho branco, que desejava ter uma filha pretinha como ela.

- PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. Ire Ayó: mitos afro-brasileiros. Salvador. EDUFBA, 2004.

A partir da educação e do estudo da cultura brasileira, Vanda Machado reencontra as raízes de sua identidade negra e revela nesse livro suas vivências com as crianças do axé.

- PEREIRA, P. J. Deuses de Dois Mundos - O Livro do Silêncio. Planeta do Brasil, 2018.

De repente, os instrumentos de Orunmilá se calam. Qual será o motivo do silêncio de Ifá? A força e a ajuda de Exu, Ogum e Oxóssi serão suficientes para que o maior adivinho da África ancestral reencontre seus poderes? O leitor é conduzido a uma viagem entre os níveis de existência do Aiê, a terra dos homens, e do Orum, o mundo em que, de acordo com a rica mitologia africana, vivem os orixás.

- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

A mais completa coleção de mitos da religião dos orixás já reunida em todo o mundo. São 301 relatos mitológicos, histórias que contam, por meio de imagens concretas e não de idéias abstratas, como são, o que fazem, o que querem e o que prometem os deuses desse riquíssimo panteão africano que sobreviveu e prosperou em países da América - em particular no Brasil e em Cuba.

- PRANDI, Reginaldo. Ifá, o Adivinho. São Paulo. Companhia das Letrinhas, 2002.

Em tempos antigos, na África negra, um adivinho chamado Ifá jogava seus búzios mágicos e desvendava o destino das pessoas que o consultavam. Ele as ajudava a

resolver todo tipo de problema, mas o que mais gostava de fazer era auxiliá-las a se defender da Morte. Um dia, a Morte, irritada com a intromissão de Ifá em seus negócios, decidiu acabar com ele.

- PRANDI, Reginaldo. Oxumarê o arco-íris. Companhia das Letras, 2004.

Na antiga África negra, em tempos imemoriais, vivia Oxumarê, filho de Nanã, a mais antiga das mulheres. A beleza de Oxumarê era admirada por todos, que invejavam o luxo de suas roupas coloridas. Essa e outras histórias, como a do caçador de elefantes que virou um rio e a da mulher que se transformava em búfalo, foram trazidas para o Brasil pelos escravos. Oxumarê, o Arco-Íris completa a trilogia sobre mitologia dos orixás para crianças e jovens, iniciada com Ifá, o Adivinho, seguida por Xangô, o Trovão. O novo livro traz aventuras de personagens míticos como Olorum, Iansã, Exu, Ogum e Iemanjá, que fazem parte do patrimônio cultural que o Brasil herdou da África. As histórias narradas nos três volumes baseiam-se no livro Mitologia dos orixás, publicado em 2001, pela Companhia das Letras.

- PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. Ilê Ifé: o sonho do Ialô Afonjá. Salvador. EDUFBA, 2000.

Este trabalho reúne lendas e mitos criados e adaptados para ensino-aprendizagem construtivista de ciências e arte, de crianças de 7 aos 14 anos, do Projeto Irê Ayó, caminho da alegria, com referenciais da cultura afro-brasileira do ilê axé opó afonjá.

- RUMFORD, James. Chuva de manga. Brinque Book

Por meio do dia a dia do menino Tomás, os leitores poderão imaginar o que é esperar pela chuva, fazer um carrinho de lata e apreciar os frutos da terra generosa, que nos oferece a alegria de saborear e cheirar uma manga dourada. A felicidade de um povo que tem tão pouco e valoriza tudo é uma lição de vida para todos. Agradável e poético, Chuva de Manga é, sobretudo, original. Essa leitura aproxima os povos.

- SILVA, Avani Souza. A África recontada para crianças. São Paulo. Ed. Martin Claret, 2020.

Com muita criatividade, este livro nos convida a uma viagem pelas histórias contadas nos países africanos onde também se fala português. Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe... Lá tem lobo, coelho, leão – e muitas outras aventuras. As histórias deste livro são, acima de tudo, bem humoradas. Atravessadas por adivinhas, músicas, descrições de gastronomia, vestimentas e tantos outros elementos que formam a cultura de um país. Um tributo à África, à língua portuguesa e aos contadores de histórias.

- SOLER-Pont, Anna. O PRÍNCIPE MEDROSO E OUTROS CONTOS AFRICANOS. Tradução: Luis Reyes Gil. Companhia da Letras. Baixar em pdf. Título original: CUENTOS Y LEYENDAS DE AFRICA. Companhia da Letras. São Paulo, 2009.

Na África, desde sempre os contos e as lendas passaram de geração a geração, ao longo dos séculos, sem serem escritos. Os griots (espécie de músico e poeta da África Ocidental, que conserva e transmite a memória oral) os contavam, os pais e os avós decoravam-nos e continuavam a transmiti-los aos mais jovens.

Discussão e Considerações finais

A atuação da Arteterapia durante a construção do sujeito, traz como modalidade expressiva, a possibilidade de transformação de um ser. Partindo de realizações concretas, a criação de seus trabalhos, elaboração oral, o indivíduo faz se a si mesmo, através da compreensão das dimensões simbólicas contidas nas suas representações.

O ato de contar história organiza as respostas numa forma narrativa que você pode usar para dar sentido e direção à sua experiência. Contar uma história funciona como um organizador que ajuda a corporificar a sua experiência e encontrar o significado da questão. Por isso, Keleman afirma que a experiência corporal é a chave, já que acredita que encontrar o corpo em uma história é mais interessante do que procurar símbolos e seus significados. Quando o indivíduo idealiza a imagem em lugar da experiência corporal, se descobre vivendo de imagens. *“Estar fisicamente presente em nossa vida é estar numa terra animada. Viver como uma imagem é estar numa Terra Devastada”* Stanley Keleman.

Quando aprendemos que a transmissão de experiência é somática, descobrimos nosso caminho de volta a uma referência corporificada. Isso traz a existência de outro corpo, ³⁶imitando a criação, lembrando da origem e compreendendo as imagens.

Na leitura de uma história com símbolos míticos, o indivíduo pode experimentar o movimento interior do corpo e ocorrer imagens cerebrais, como um processo com duas expressões ao mesmo tempo. Isso confirma para Staley Keleman que essa experiência faz-se perceber como o corpo organiza sua mente e como o cérebro do corpo reorganiza as experiências corporais. Por tanto, o mito pode transformar.

Para Joseph Campbell, a mitologia é um instrumento para nos ajudar a experienciar o transcendente. Para transformar os aspectos da nossa vida, o aspecto do mundo, numa transparência ao transcendente. As divindades em todas as imagens do mito apontam para o transcendente.

Na Psicologia Analítica, o mito é uma narrativa de histórias que conta sobre o comportamento humano. Para Mircea Eliade, compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais, não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos.

Para Campbell (1990), mito é a manutenção viva da memória coletiva; é uma linguagem; são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana; é a fala nativa do sonho, é o “símbolo do Caminho”. São os propiciadores de sabedoria que levaram a transformação da humanidade ao percorrer o caminho. São frases de uma linguagem de imagens que exprimem verdades metafísicas, psicológicas, e sociológicas.

Em seu livro Mito e Realidade, Eliade entende que o mito não é uma ficção e sim a possibilidade simbólica do entendimento humano sobre o viver. Jung a partir dos estudos dos mitos vai desenvolver os conceitos de Arquétipos e de Consciência Coletiva. Sendo o mito uma representação coletiva, segundo Brandão (2010), é transmitida de geração em geração e tem a função de explicar e relatar a origem do mundo expressando a realidade humana.

A repetição do mito vai dar origem a consciência coletiva, cujo conceito fortalecerá o entendimento de Jung sobre mito que é “a conscientização dos arquétipos do inconsciente coletivo, quer dizer, um elo entre o consciente e o inconsciente coletivo, bem como as formas através das quais o inconsciente se manifesta, por meio de símbolos”.

A cultura brasileira é repleta de mitos. Oriundos dos diversos povos indígenas que aqui viviam, os mitos trazidos pelos grupos europeus que ocuparam as terras e os mitos africanos que apontam aqui com os escravos africanos, compuseram o Brasil

³⁶A experiência somática refere-se as passagens que o corpo já efetuou e que ficam arquivadas.

proporcionando vários caminhos de acesso para compreender a complexidade do ser brasileiro.

Na Mitologia Afro-Brasileira é possível colher informações importantes a respeito do comportamento desta cultura, os brasileiros têm uma base a cultura Afro, sendo o Mito uma tradução da realidade da psique, é importante compreender os aspectos arquetípicos do inconsciente que vão se constituir como maneira, padrões pensamentos e sentimentos influenciando o comportamento do indivíduo. Para Carl Jung, a realidade psíquica é a mãe de todos os fatos humanos, a história sobre religiões no sentido mais amplos, incluindo mitologia, folclore e psicologia primitiva representam o depósito do tesouro das formas arquetípicas.

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, elaborar uma revisão bibliográfica de algumas literaturas dos Mitos Afro-indígenas brasileiros do período de 1998 à 2020 e buscou trabalhar sobre a seguinte questão, o uso da literatura dos Mitos Afro-indígenas brasileiros como ferramenta para a busca do autoconhecimento. Constata-se a importância das histórias mitológicas na relação com o processo terapêutico do indivíduo. Sabendo-se que a literatura é a arte da palavra que transfere para o papel, por meio de cultura, experiências humanas; sua leitura também reflete no processo de desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico do indivíduo.

Nosso corpo é um processo, sua estrutura tem um modo de pensar de sentir, de perceber, organizar suas experiências, um modo inato de formar suas respostas. E o uso da literatura mitológica funciona como um organizador de experiências internas, acompanhado de imagens cerebrais que conduzem o indivíduo a encontrar o corpo dentro de uma história de símbolos e significados, os mitos evocam o nosso self somático mais profundo, mais íntimo, estabelecendo uma conexão com o inconsciente, trazendo uma informação para uma possível consciência e moldando o indivíduo, portanto a literatura reflete na corporificação e individuação do indivíduo.

Estar corporificado é uma afirmação de que estamos aqui e define uma relação física com nós mesmos, com o mundo e com aquilo que chamamos de transcendente.

Jung define a função transcendente, como a “união de conteúdos conscientes e inconscientes”, a “reconciliação” dos pares de opostos e a partir desta reconciliação uma nova possibilidade é sempre criada, uma nova intenção é realizada.

Durante a metodologia utilizada com uma busca pela internet de literaturas de origem mitológica brasileira, foi percebido uma limitação por falta de conteúdos nacionais disponíveis, principalmente Afrodescendentes e também, uma amálgama de mitos e lendas.

Aos arteterapeutas, interessados na utilização dos Mitos brasileiros para uso terapêutico, deve-se um aprofundamento a diversidade da cultura brasileira, para conduzir o cliente em sua individuação no ateliê terapêutico como forma de acionar o imaginário brasileiro em sua riqueza promovendo uma conversa intercultural.

Contudo, um estudo mais profundo sobre a mitologia afrodescendente, se faz necessário caso o arteterapeuta pretenda usar literaturas nesta ordem, sendo pelo ótica da psicologia analítica, uma melhor compreensão da psique e das linguagens ocultas.

A incerteza inicial do significado de um conteúdo e a certeza da natureza arquetípica são referências que o arteterapeuta precisa se ater no trabalho de compreensão do funcionamento da psique. E por fim, colher no estudo da mitologia, o conhecimento de padrões de comportamentos e aspectos emocionais que influenciam e perturbam a personalidade de seus pacientes e clientes.

A vivência do espaço sagrado é a possibilidade de encontrar “o lugar onde se possa vivenciar e trazer á tona o que se é o que se pode ser. A vivência do sagrado é a possibilidade de dar à experiência, filha da criação incubada”. (CAMPBELL, 1990)

Referências Bibliográficas

- KELEMAN, Stanley. Mito e Corpo. 3ª ed. Summus Editorial, 2001.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 2010.
- V. CAMPBELL, Joseph. O Poder do mito. S.P. Palas Athena, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- DINIZ, Lígia (org). Mitos e Arquétipos na Arteterapia. Os rituais para se alcançar o inconsciente. 2ª.ed. RJ. Wak Ed. 2014.
- JUNG, Carl. Os arquétipos e o Inconsciente coletivo. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. FERRY, Luc. A sabedoria dos mitos gregos. Aprender a Viver II. RJ. Ed. Objetiva. 2008.
- SOUSA Junior, Vilson Caetano. Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas . Salvador: EDUFBA. 2019.
- URRUTIGARAY, Maria Cristina. Arteterapia A transformação pessoal pelas imagens. 5ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- KOWARSKI, Tatiana. Atuação do arteterapeuta à luz do arquétipo do velho sábio. Clube de autores, 2010.
- Instituto Freedom: Mitologia Afro-Brasileira e Psicologia Analítica. Profº Rangel Fabrete

Artigos da internet pesquisados:

<http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/mitos.pdf> Vanda Machado: “Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais”

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100009&lang=pt “O fogo e as chamas dos Mitos”

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98472/vasques_mcpcf_me_botfm.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Márcia Camargo Penteado Corrêa Fernandes Vasques: “A Arteterapia como Instrumento de Promoção Humana na Saúde Mental”

<https://medium.com/@prof.pedro/a-origem-do-mito-sua-funcao>

Estud. psicol. (Campinas) vol.36 Campinas 2019 Epub 07 de março de 2019

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e180033>

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138421/000863949.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Danieli Munique Fontes da Silveira: “O Arquétipo da Grande Mãe na representação da Bruxa em contos fantásticos hispânicos contemporâneos”

Anais do II Encontro Nacional do GT história das religiões e das religiosidades- Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>

<http://www.edufba.ufba.br/2011/10/lle-ife-o-sonho-do-iao-afonja/> Editora da Universidade da Bahia www.livrariacultura.com.br

www.amazon.com.br

www.estantevirtual.com.br/